

O CARÁTER ONTOLÓGICO DA LINGUAGEM EM HANS-GEORG GADAMER

José Victor Guimarães Assis*

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar a importância da linguagem para a hermenêutica de Gadamer a partir do seguinte pressuposto do filósofo: “ser que pode ser compreendido é a linguagem”. Destaca-se a relação entre a linguagem, o outro, o mundo, as coisas, o pensamento, etc., abordando três conceitos fundamentais da hermenêutica de Gadamer: preconceito, historicidade e fala. Para o autor, todo o processo hermenêutico é linguístico; assim sendo, fazemos a experiência de mundo.

Palavras-chave: Gadamer. Linguagem. Hermenêutica. Compreensão.

84

1. INTRODUÇÃO

Desde o século passado, a hermenêutica, na condição de ciência que tinha como objeto a interpretação de textos religiosos e filosóficos, se consolidou como um dos mais importantes ramos da filosofia contemporânea. As obras do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer são consideradas um marco dessa área e seu pensamento oferece grandes contributos às pesquisas no campo das ciências humanas no que diz respeito à linguagem e à compreensão, para além da interpretação dos textos.

O objetivo primeiro deste trabalho é apresentar, em linhas gerais, as bases desse pensamento, abordando de maneira específica a importância da

* Cursa o último semestre do curso de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (polo de Vitória da Conquista - BA). Uma versão do presente texto foi apresentada, com título e conteúdo distintos, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a obtenção do grau de Bacharel em filosofia. Contato: victorguimaraes20@hotmail.com.

linguagem para a hermenêutica gadameriana. De fato, para o autor, todo o processo hermenêutico é, no fundo, um processo linguístico. A linguagem como elemento central da compreensão é o que discutimos neste trabalho. Em sua obra *Verdade e método* (1960), Gadamer apresenta novos rumos para a compreensão filosófica, a partir de uma tese central: o ser que pode ser compreendido é linguagem.

Qual a importância da linguagem para a hermenêutica de Gadamer? Esse questionamento norteia a forma de organização do presente estudo: abordamos, de maneira geral, alguns dos mais importantes conceitos presentes na hermenêutica gadameriana, quais sejam, preconceito, historicidade e fala, ressaltando a importância destas para a compreensão de todo esse processo interpretativo.

2. A HERMENÊUTICA DE HANS-GEORG GADAMER

A hermenêutica¹ filosófica tornou-se um respeitado ramo da filosofia na contemporaneidade. Ela se desenvolveu, durante a Idade Moderna, basicamente como interpretação bíblica e investigações filológicas dos textos clássicos. Em seu desenvolvimento moderno, a contribuição central da hermenêutica estava restrita à compreensão da verdade contida no texto. 85

A hermenêutica filosófica consiste numa postura, num modo de ser vinculado ao bem, ao belo, à verdade, pensado e articulado a partir da (e para a) finitude humana. Falamos de uma postura de autenticidade e coerência, em que a relação com o mundo, com os outros, com o metafísico, é pautada e constituída, fundamentalmente, pelo diálogo e não pelo procedimento lógico-matemático (ROHDEN, 2008, p. 24).

¹ “Palavra que aparece, pela primeira vez, no séc. XVII, como título do livro de J.C. Dannhauer: *Hermenêutica sacra sive methodus exponendarum sacrarum litterarum*. No entanto, as suas formas semânticas preliminares, o verbo *hermeneuein* e os seus derivados, os substantivos *hermeneús* e *hermeneia* cobrem na língua grega um âmbito muito extenso. A expressão "hermenêutica", diz-nos Heidegger, deriva do verbo grego *hermeneuein*. Este refere-se, por sua vez, ao substantivo *hermeneus*, que poderá ser aproximado sem o rigor da ciência, do nome do deus Hermes. Hermes era o mensageiro dos Deuses; anunciava o destino. *Hermeneuein* significava a revelação que levava, aquele que estivesse em condições de ouvir uma mensagem, ao conhecimento. Este tipo de revelação tornava-se, em seguida, exegese de aquilo que foi dito pelos poetas que, segundo as palavras de Sócrates no diálogo *Ion* de Platão, são os mensageiros dos Deuses” (SILVA, 2010, p. 19).

A hermenêutica, como arte de interpretar o sentido das palavras, das leis, dos textos e de outras formas de interação humana, tem sempre obtido e continua adquirindo expressão e significado, sobretudo nos círculos literários, jurídicos, filosóficos e teológicos, como afirma Gadamer em sua *Réplica a hermenêutica e crítica da ideologia*, escrito em 1971:

A hermenêutica é a arte do entendimento. Parece especialmente difícil entender-se sobre os problemas da hermenêutica, pelo menos enquanto conceitos não claros de ciência, de crítica e de reflexão dominarem a discussão. E isso porque vivemos numa era em que a ciência exerce um domínio cada vez maior sobre a natureza e rege a administração da convivência humana, e esse orgulho de nossa civilização, que corrige incansavelmente as faltas de êxito e produz constantemente novas tarefas de investigação científica, onde se fundamentam novamente o progresso, o planejamento e a remoção de danos, desenvolve o poder de uma verdadeira cegueira. No enrijecimento desse caminho rumo a uma configuração progressiva do mundo pela ciência, perpetua-se um sistema no qual a consciência prática do indivíduo se submete resignada e cegamente ou então se rebela revoltosa, e isso significa não menos cega (GADAMER, 2002d, p. 292).

86

Com efeito, um dos expoentes dessa técnica é Hans-Georg Gadamer. De acordo com ele, a hermenêutica é uma visão fundamental acerca do que significa o pensamento e o conhecer para o homem, de modo geral, mesmo que ele se utilize de métodos científicos. A arte de compreender² é e continua sendo reconhecer todas as formas de expressão da vida humana e suas articulações com cada uma de suas imagens de mundo.

Gadamer elaborou uma concepção de hermenêutica enquanto filosofia, que lança raízes na filosofia grega, mormente na arte do diálogo socrático-platônico e no conceito de *phrônesis* de Aristóteles,

² “Em sua ciência infinita, Deus “compreende” a infinidade dos números, escreve Agostinho, ele “compreende todos os incompreensíveis por uma compreensão incompreensível”. O verbo *comprehendere* significa propriamente apreender um objeto em sua totalidade. Descartes não o esquecerá. Cícero tirou daí o substantivo *comprehensio* para designar seja a percepção global de um encadeamento lógico, seja, num contexto estóico, o ato pelo qual o intelecto apreende um objeto em sua realidade [...]” (FONTANIER, 2007, p. 43).

que se alimenta da *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, retomando desde a crítica à filosofia da reflexão, o conceito de experiência e de historicidade (ROHDEN, 2008, p. 23).

A hermenêutica até Gadamer era caracterizada como métodos e se resumia na aplicação metodológica e nos princípios interpretativos de textos sagrados e profanos. O centro de interesse da hermenêutica em Gadamer recai sobre o próprio fenômeno da compreensão, isto é, sobre aquele algo que é preliminar e fundamental a qualquer interpretação:

A analítica temporal da existência (*Dasein*) humana, desenvolvida por Heidegger, penso eu, mostrou de maneira convincente que a compreensão não é um dentre outros modos de comportamento do sujeito, mas o modo de ser da própria pré-sença (*Dasein*). O conceito de "hermenêutica" foi empregado, aqui, nesse sentido. Ele designa a mobilidade fundamental da pré-sença, a qual perfaz sua finitude e historicidade, abrangendo assim o todo de sua experiência de mundo. O fato de o movimento da compreensão ser abrangente e universal não é arbitrariedade nem extrapolação construtiva de um aspecto unilateral; reside na natureza da própria coisa (GADAMER, 1997, p. 16).

87

Seu estudo é caracterizado por levantar dúvidas acerca da segurança depositada no método tradicional de interpretação. Sua crítica parte de uma situação concreta, qual seja, o fato de os iluministas e seus remanescentes, ao diminuírem o valor da tradição acabaram por retirar o seu peso e importância para a compreensão das ciências. Sua teoria apresenta uma nova abordagem em relação ao modo de interpretar e visa superar as concepções dogmáticas.

Gadamer não busca uma facilitação da compreensão em si, mas, ao contrário, pretende clarear uma interpretação que possibilita ao homem encontrar com as coisas e, só então, compreendê-las. Esclarecer ideias incorretas assume, assim, um papel central na hermenêutica gadameriana, que inicia com a elaboração de bons projetos que serão percorridos pelo pesquisador.

Esse deixar-se determinar assim pela própria coisa, evidentemente, não é para o intérprete uma decisão "heroica", tomada de uma vez por

todas, mas verdadeiramente “a tarefa primeira, constante e última”. Pois o que importa é manter a vista atenta à coisa através de todos os desvios a que se vê constantemente submetido o intérprete em virtude das ideias que lhe ocorrem. Quem quiser compreender um texto, realiza sempre um projetar (GADAMER, 1997, p. 355-356).

O filósofo, em sua hermenêutica, defende uma tese mais abrangente e, por isso mesmo, critica o fato de a tradição se apoiar nas interpretações metafísicas da razão. Os estudos gadamerianos estão voltados para a consciência histórica, elemento da compreensão histórica que tem papel relevante na autocompreensão, através da qual o ser humano participa como intérprete da tradição histórica.

Na introdução de *Verdade e método*, Gadamer afirma:

O fenômeno da compreensão e a maneira correta de se interpretar o compreendido não são apenas um problema específico da teoria dos métodos aplicados nas ciências do espírito. Desde os tempos mais antigos, sempre houve uma hermenêutica teológica e outra jurídica, cujo caráter não era tanto teórico-científico, mas correspondia e servia muito mais ao procedimento prático do juiz ou do sacerdote instruídos pela ciência (GADAMER, 1997, p. 29).

88

Gadamer afirma, no texto *Hermenêutica clássica e hermenêutica filosofia*, de 1968, que o intérprete é um sujeito envolvido pela tradição, por isso, “[...] a contribuição produtiva do intérprete é a parte inalienável do próprio sentido de compreender” (GADAMER, 2002c, p. 132). Assim, a hermenêutica filosófica de Gadamer mostra-se como uma forma de realização do homem, no plano social, centrada na comunidade do diálogo. Para Gadamer não apenas o texto, mas também todas as atividades humanas possuem uma dimensão hermenêutica e estão fundadas nos acordos e nas convenções que estão em constante processo de mudança (Cf. PEREIRA, 2016, p. 158).

Gadamer valoriza não apenas o processo presente de pesquisa, isto é, o contato em si do pesquisador com o objeto de pesquisa. Antes de tudo, o sujeito cria questões em seu interior que buscará esclarecer ao longo da pesquisa e carrega consigo grande influência daquilo que a tradição diz. Sua hermenêutica é “[...] uma visão fundamental acerca do que significa em

geral, o pensar e o conhecer para o homem na vida prática” (ALMEIDA, 2000, p. 18). Esta característica de sua hermenêutica é, certamente, o que permite que sua proposta continua atual e em plena expansão (na área do direito, da saúde, da própria história...).

3. A LINGUAGEM NA EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA

Já afirmamos que experiência hermenêutica gadameriana tem como base a linguagem e não apenas o texto escrito como era outrora, para a hermenêutica antiga e moderna. Para Gadamer, é pela linguagem que ocorre o diálogo e é através do diálogo que compreendemos os textos, com seus preconceitos e seu contexto. A hermenêutica ganha, com Gadamer, uma nova fundamentação e novos campos de aplicação, ampliando o seu leque temático de abrangência, ou seja, além do texto é possível interpretar/compreender outros eventos – um diálogo, uma obra de arte...³. Todos esses eventos são passíveis de compreensão, uma vez que são eventos linguísticos.

Para Gadamer, existe uma estreita relação entre a compreensão e a linguagem, pois toda interpretação só pode ocorrer no seio da linguagem, como afirma Richard Palmer:

Tudo o que se pressupõe em hermenêutica é apenas linguagem e é também só linguagem aquilo que encontramos na hermenêutica; o lugar a que pertencem os outros pressupostos objetivos e subjetivos tem que ser encontrado através (ou a partir) da linguagem (PALMER, 1997, p. 98).

A relação entre hermenêutica e linguagem limita o início e o fim da compreensão, através do diálogo. Neste caso, um diálogo entre o texto e o intérprete⁴. “Quanto mais perto estiver à linguagem do texto da linguagem

³ “A interpretação da música ou da poesia, quando executadas, não diferem essencialmente da compreensão de um texto, quando é lido: compreender implica sempre interpretar” (GADAMER, 1997, p. 517).

⁴ Afirma Gadamer, que “[...] diferente de uma conversa o intérprete deve fazer com que o texto fale” (SCHMIDT, 2014, p. 168). Assim, “[...] o texto traz um assunto para a linguagem, mas o fato disto acontecer é no fim das contas a realização do interprete” (GADAMER, *Apud*, SCHMIDT, 2014, p. 168-169).

do intérprete, menos perceptíveis e mais automáticas serão as tarefas de interpretação e aplicação” (SCHMIDT, 2014, p. 168). Contudo, “*a linguagem é o medium universal em que se realiza a própria compreensão*” (GADAMER, 1997, p. 503, grifo do autor).

A linguagem é um acontecimento a partir do qual o mundo se abre para nós. Na linguagem a própria experiência de mundo acontece. Com efeito, o homem, a partir de sua liberdade, tem a possibilidade de refletir e se compreender na linguagem. É a experiência de mundo que nos abre essa perspectiva de compreensão. “A compreensão deve ser entendida como um ato da existência [...]” (GADAMER, 2003, p. 57). Ideia reforçada no parágrafo conclusivo do texto *Homem e linguagem*, de 1966:

A linguagem é, pois, o centro do ser humano, quando considerada no âmbito que só ela consegue preencher: o âmbito da convivência humana, o âmbito do entendimento, do consenso crescente, tão indispensável à vida humana como o ar que respiramos. Realmente o homem é o ser que possui linguagem, segundo a afirmação de Aristóteles. Tudo o que é humano deve poder ser dito entre nós (GADAMER, 2002b, p, 182).

90

O intérprete deve estar aberto e disposto a acolher as novas experiências, pois é questionando a tradição que é possível encontrar uma resposta. A abertura é essencial para se obter uma compreensão e a verdade, como afirma o autor no texto intitulado precisamente *O que é a verdade?*, de 1957: “Compreender é estar em relação, a um só tempo, com a coisa mesma que se manifesta através da tradição e com uma tradição de onde a ‘coisa’ possa me falar” (GADAMER, 2003a, p. 67).

O caminho que possibilita essa compreensão é o diálogo. Somente uma união entre o intérprete e a tradição (o texto e tudo o que ele traz consigo) pode dar uma interpretação segura e confiável ao pesquisador, chegando o mais próximo possível da verdade. A linguagem é, mais do que nunca, mediadora desse acordo.

Ao se dirigir ao intérprete, a tradição transfere aquilo que tem a dizer para o pensamento do interprete. A interpretação traz algo novo para a linguagem ao escutar o que a tradição tem a dizer. Desta forma, o

intérprete preserva a tradição e aumenta seu efeito (SCHMIDT, 2014, p. 176).

Cada intérprete trás consigo preconceitos⁵ herdados da tradição, preconceitos que fazem parte do seu ponto de partida compreensivo. Não há um ponto de partida que seja isento de preconceitos, pois “[...] eles constituem nosso horizonte⁶ linguístico de significado possível” (SCHMIDT, 2014, p. 176). Com efeito, entramos na tradição e na linguagem quando fazemos uma interpretação de um texto, de um evento do passado ou de um comportamento nosso.

A nova interpretação deve continuar a tradição. “Uma linguagem particular só apresenta uma visão de mundo particular” (SCHMIDT, 2014, p. 178), ou seja, uma interpretação pode estar correta, mas sendo ela especulativa, dentro de um horizonte histórico, ela não pode ser assumida como a única correta. Para Gadamer, a tradição sempre estará correta frente ao intérprete. Gadamer demonstra “[...] que a linguagem é ao mesmo tempo o meio e o objeto da compreensão, e que ela é o modo de ser da tradição” (SCHMIDT, 2014, p. 179).

Todo compreender é interpretar, e todo interpretar se desenvolve no *medium* de uma linguagem que pretende deixar falar o objeto, sendo, ao mesmo tempo, a própria linguagem do intérprete. [...]. A relação essencial entre o caráter de linguagem e a compreensão se mostra de imediato no fato de que é essencial para a tradição existir no *medium* da linguagem, de tal modo que o objeto primordial da interpretação possui a natureza própria da linguagem (GADAMER, 1997, p. 503-504).

A linguagem, como meio do compreender, significa, principalmente, duas coisas: a essencial linguisticidade do objeto hermenêutico que tem um

⁵ Expressão-chave da hermenêutica gadameriana da finitude. Com ela o autor efetua uma crítica severa dos pressupostos cientistas, apofânticos e iluministas da hermenêutica filosófica que se desenvolveu no período do Romantismo e do Historicismo. O fio condutor desta hermenêutica, dita científica, era a ideia metodológica moderna segundo a qual compreender (neste caso o texto) seria reconstruir objetivamente a intenção do autor evitando toda a intromissão dos dados subjetivos ou pressupostos do intérprete (Cf. SILVA, 2010).

⁶ Gadamer utiliza a expressão *fusão de horizontes* “[...] para caracterizar, contra a ideia romântica e historicista de uma distância rígida entre o horizonte do passado e o do intérprete, o nexos de compreensão e efetuação que caracteriza o procedimento hermenêutico” (SILVA, 2010, p. 16).

modo de ser dado pela linguagem e a linguisticidade do ato hermenêutico, isto é, do compreender. O diferencial da proposta de Gadamer não é a supressão de um desses elementos que compõem a linguagem e sim a ampliação do campo de ação da capacidade que o intérprete possui de realizar a interpretação dentro de um horizonte de linguagem que seja adequado ao texto e, ao mesmo tempo, capaz de ultrapassá-lo.

Ser especulativo significa que o mesmo assunto chega à linguagem em interpretações diferentes, mas corretas. Estes resultados descobrem uma realidade ontológica universal: “O ser que pode ser compreendido é a linguagem” [VM: 474] (SCHMIDT, 2014, p. 180).

Neste sentido, é através da linguagem que se compreende. Logo, aquilo que estava fora do horizonte de mundo, passa a ser real e existente através do uso da linguagem. A fala, a linguagem, o texto.... todos estes elementos significam não só com o sentido que a reprodução da palavra quer dar, mas vai além e atinge a reprodução de toda uma interpretação filosófica do ser com sua historicidade e tradição. “Podemos então afirmar que o modo de ser linguagem é a condição de possibilidade do filosofar [...], não é só a condição de possibilidade de filosofar, mas a realização e materialização deste” (ROHDEN, 2005, p. 236). 92

Outro ponto importante nessa relação é que pensar, para Gadamer, é pensar algo e dizer para si mesmo. É falar para si mesmo seu pensar, ou ouvir a “voz de dentro”. Além de se comunicar internamente, o pensar antecipa o diálogo externo. Pensar é um diálogo interno e é através do falar com os outros que expandimos nossos pensamentos: neste momento tomamos consciência daquilo que pensamos e damos forma ao pensado. Pois o objetivo do diálogo é além de tudo buscar juntos entender e construir uma concepção de mundo que seja de ambos.

É aprendendo a falar que crescemos e conhecemos o mundo, conhecemos as pessoas e por fim conhecemos nós próprios. Aprender a falar não significa ser introduzido na arte de designar o mundo que nos é familiar, mas conquistar a familiaridade e o conhecimento do próprio mundo, assim como ele se nos apresenta (GADAMER, 2002b, p. 176).

Analisando a “palavra” para Gadamer descobrimos que é muito mais que uma junção de letras simbolizadas pelo som que é articulado através da fala. A palavra é fruto do pensamento, é o futuro e o passado, é a direção e o caminho e vai muito além do ser que a pronuncia. O mesmo ocorre com a linguagem: ela é maior que o ser que a expressa; ela é o encontro no diálogo; ela é a interpretação e a busca; ela é a tentativa de compreensão do mundo.

[...] na forma de uma vida social, de uma constituição política, de uma convivência social articulada na divisão do trabalho. Isso tudo está contido no simples enunciado: o homem é um ser vivo dotado de linguagem. Em geral supomos que essa afirmação tão significativa e convincente garantiu desde o início um lugar privilegiado ao fenômeno da linguagem no pensamento sobre a essência do homem (GADAMER, 2002b, p. 174).

Eis uma súpula da importância da linguagem na experiência hermenêutica, ligada não apenas à compreensão do texto, mas de tudo que diz respeito ao homem, pois encontra-se ancorada, tal como um fundo ontológico que lhe é próprio. De fato tudo o que o homem experiência pode ser expresso e compreendido, pois tudo o que pensamos e compreendemos baseia e se expressa através das palavras⁷ e dos gestos. O diálogo, através do falar e do ouvir, perpassa no âmbito do questionar e no de responder, atingindo a estrutura essencial também do ato de compreender. 93

4. A LINGUAGEM COMO *SER* E SUA IMPORTÂNCIA PARA A HERMENÊUTICA DE GADAMER

A tese de Gadamer tem como ponto principal que “[...] a linguagem tem um caráter ontológico e a compreensão possui uma dimensão prática” (PEREIRA, 2015, p.167). Assim sendo, é na linguagem que vivenciamos

⁷ “O homem é o único ser que possui *logos*. Ele pode pensar e falar. Poder falar significa: poder tornar visível pela sua fala, algo ausente, de tal modo que também um outro possa vê-lo” (GADAMER, 2002, p. 173).

aquilo que possuímos e compartilhamos. É a linguagem que nos faz conhecer o *ser* das coisas⁸.

Não é por acaso que a verdadeira problemática da compreensão e a tentativa de dominá-la pela arte - o tema da hermenêutica - pertence tradicionalmente ao âmbito da gramática e da retórica. A linguagem é o meio em que realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão (GADAMER, 1997, p. 497).

Em sentido profundo, a hermenêutica não é uma questão metodológica e sim ontológica. Para Gadamer, a hermenêutica não é uma arte ou uma forma instrumental de compreensão, mas algo transcendental. Trata-se, portanto, de um saber filosófico e não um simples saber metodológico. Aquele que interpreta, interpreta a partir de suas possibilidades e perspectivas de mundo e de sua condição histórica e de tradição no mundo/sociedade em que está inserido.

A hermenêutica, dentro da concepção gadameriana, constitui, diferentemente, característica essencial do *ser-aí*, que, estando-lançado-no-mundo, encontra-se sempre no processo de compreensão dos entes (hermenêutica), trazendo ao mundo, através da linguagem, o ser dos entes que compreende. 94

Um pressuposto importante da hermenêutica de Gadamer é que no interior do caráter ontológico da linguagem está a prática, “[...] não podemos pensá-la sem ‘fazermos uso’ dela” (PEREIRA, 2015, p. 168). Pois é a linguagem que possibilita uma relação entre o ser humano⁹, o mundo, os outros, o pensamento e as coisas. É por isso que o centro da hermenêutica gadameriana é conceber o ser como linguagem e pressupondo-a como estrutura ontológica.

⁸ “Nossa vida não é preenchida somente com descrições de objetos, ela é algo em movimento. E só faz sentido falarmos assim, porque sempre há coisas novas a serem descobertas, não importa o quanto já saibamos” (PEREIRA, 2015, p.168).

⁹ “[...] a linguagem é responsável pela constituição de *preocupações distintivamente humanas*: um conjunto de ideias, tais como os de igualdade, justiça e de toda gama de emoções, tais como vergonha, amor, ódio, amizade, orgulho, etc., não existiriam sem a linguagem; eles foram constituídos linguisticamente” (MEDINA, 2007, p. 54 e 55).

Com essa tese de que “ser é linguagem”, a própria ontologia torna-se hermenêutica. Somente compreendemos porque somos em meio a linguagem, tudo o que compreendemos, por sua vez, também é linguagem e não há linguagem sem compreensão (PEREIRA, 2015, p. 168).

O ser, na medida em que é dentro dos limites nos quais pode ser compreendido, é linguagem. O compreender é aqui o termo médio entre o ser e a linguagem, isto é, ser e linguagem podem relacionar-se somente mediante o compreender. O ser que se apresenta com o caráter da compreensão, terá também, o caráter da linguisticidade. Assim sendo, fora da linguagem não existe compreensão e, portanto, hermenêutica não é possível como método e como filosofia.

Tudo que pode ser compreendido, bem ou mal, é realizado dentro da linguagem. Até mesmo no pensar ocorre um diálogo interno na linguagem¹⁰. “Portanto, o ser que pode ser compreendido [...] ocorre dentro da linguagem e é limitado por ela” (SCHMIDT, 2014, p. 176). Ao se chegar a uma interpretação correta é a linguagem que nos informa, ou seja, a linguagem é, a um só tempo, meio de acesso e objeto da experiência⁹⁵ compreensiva.

Como a linguagem é o meio e o objeto da experiência hermenêutica, ela é a base ontológica da compreensão. Esta história do conceito de linguagem demonstra que a linguagem humana, por ser imperfeita, revela apenas um aspecto do assunto. Por outro lado, as diferentes interpretações históricas corretas de um texto são especulativas porque cada uma delas apresenta o significado do próprio texto (SCHMIDT, 2014, p. 187).

Com efeito, é a linguagem que nos faz conhecer o *ser das coisas*, pois é ela que possibilita o nosso conhecimento do mundo, a transformação da tradição e de nós mesmos, dentro de uma nova compreensão. A linguagem não é simplesmente o veículo de comunicação, mas é o modo de ser no

¹⁰ Esta ideia já está presente nas primeiras definições de pensamento. No diálogo *Sofista*, por exemplo, Platão coloca na boca do Estrangeiro (personagem que dialoga com Sócrates) esta definição clássica de diálogo: “Pois bem, pensamento e discurso são o mesmo; mas o primeiro, que é o diálogo íntimo da alma consigo mesma, que nasce sem voz...” (PLATÃO, 2011, 263e).

mundo. Sinteticamente é possível afirmar que a linguagem é a totalidade do *eu* e o *mundo*¹¹. Isso significa que, “é possível compreender por que se opõe uma multiplicidade de línguas diversas à relação geral do homem com o mundo própria da linguagem” (GADAMER, 1997, p. 573).

É a linguagem que dá sentido à hermenêutica, pois dá início e fim à possibilidade de entendimento/compreensão através do diálogo. Como bem complementa Oliveira, “[...] a linguagem [...] é a nossa morada, porque somos ser-no-mundo; nossa compreensão do mundo é, sempre, linguisticamente interpretada. [...] a linguagem é aquele acontecimento originariamente único, no qual o mundo se abre para nós” (OLIVEIRA, 1996, p. 216).

Essa importante noção gadameriana de interpretação, uma vez que é inerente a linguagem, revela que o ouvinte é suprimido pelo que ele procura compreender e, assim, responde, interpreta, busca por palavras ou expressões. O resultado é conceber a linguagem como mediação da experiência do mundo.

Quase já não se pode contestar que o que caracteriza a relação do homem com o mundo, em oposição a todos os demais seres vivos, é a sua *liberdade frente ao mundo circundante*. Essa liberdade implica a constituição de mundo que se dá na linguagem. Um faz parte do outro. Elevar-se acima das coerções do que vem ao nosso encontro a partir do mundo significa ter linguagem e ter mundo (GADAMER, 1997, p. 573, grifos do autor).

96

Assim, pode-se dizer que a linguagem se caracteriza também como uma mediação entre o universo do outro e o próprio pensamento. A hermenêutica, portanto, decorre da reflexão histórica e tem a linguagem como meio de realização. Porque, na linguagem encontram-se unidos os aspectos histórico e hermenêutico. Desse modo, a linguagem é a estrutura de realização de nosso “ser-no-mundo”¹².

¹¹ “Que o mundo seja *meu* mundo, é o que se mostra nisso: os limites da linguagem (a linguagem que, só nela, eu entendo) significam os limites de meu mundo. O mundo e a vida são um só” (MORENO, 2000, p. 105).

¹² “A noção de ser no mundo foi desenvolvida sistematicamente pelo filósofo alemão Martin Heidegger no tratado *Ser e tempo (Sein und Zeit)*, de 1927. Na obra Heidegger se impõe a tarefa de recolocar a questão do “sentido do ser”, que para ele foi esquecida pela metafísica tradicional. “Ser-

A experiência de mundo feita na linguagem ultrapassa a relatividade de todas as posições do ser porque abrange todo o ser em si, sejam quais forem as relações de mundo em que se mostra. O caráter de linguagem em que ocorre a nossa experiência de mundo precede a tudo quanto possa ser reconhecido e interpelado como ente. A afirmação de Gadamer, “*A relação fundamental de linguagem e mundo não significa, portanto, que o mundo se torne objeto da linguagem*” (GADAMER, 1997, p. 653, grifos do autor); reafirma a linguagem como meio através do qual o mundo vem a tona e pode ser compreendido.

5. CONCLUSÃO

A hermenêutica gadameriana enfatiza a importância da linguagem, e como esta contribui para o processo de compreensão e realização das relações humanas. Portanto, pautada na linguagem como condição de possibilidade de todo compreender e interpretar, condicionado por preconceitos e aspectos históricos que lhe garantem compreender e interpretar a comunidade da qual é parte, a partir de seu tempo e seu ser.

Eis o processo dialógico na hermenêutica gadameriana: não apenas uma dialética entre intérprete e tradição, na qual as duas partes apenas buscam chegar a um ponto em comum, mas a partir do processo de linguagem, é que a hermenêutica abrange as duas características e vai além delas, dialogando através dos tempos, em busca de uma interpretação o mais próximo possível da verdade.

Dessa forma, é com o diálogo que compreendemos a linguagem do outro. Faz-se necessário deixar um pouco nossas convicções e escutar o que o outro tem a nos dizer, assim, poderemos compreender de um jeito novo. Isso nos ajudará a ter acesso a uma nova linguagem e, a partir daí, nos conhecer melhor, ter uma visão mais livre, lidar com as dores e angústias, os sofrimentos do próximo e acima de tudo, ter esperança.

Levando em consideração esses aspectos, observamos, que a hermenêutica gadameriana não é somente um novo modo de se fazer

no-mundo do homem é uma ocorrência concreta, acontecendo e realizando em suas múltiplas formas peculiares do comportamento humano e em suas diferentes maneiras em se relacionar com às coisas e com às pessoas” (SAMARADINI, 2011, p. 290).

filosofia, mas é colocá-la em prática, como faziam os gregos. É fazer nossa experiência de mundo através da linguagem, como apontado por Gadamer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Custódio Luís Silva de; FLICKINGER, Hans-Georg; ROHDEN, Luiz (ORGS). **Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

FONTANIER, Jean-Michel. **Vocabulário latino de filosofia: de Cícero a Heidegger**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

_____. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. O que é a verdade? In: _____. **Verdade e método II: 98** complementos e índice. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora universitária São Francisco, 2002a, p. 57-71.

_____. Homem e linguagem. In: _____. **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora universitária São Francisco, 2002b, p. 173-182.

_____. Hermenêutica clássica e hermenêutica filosofia. In: _____. **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora universitária São Francisco, 2002c, p. 111-142.

_____. Réplica a hermenêutica e crítica da ideologia. In: _____. **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora universitária São Francisco, 2002d, p. 292-321.

MEDINA, José. **Linguagem: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MORENO, Arley R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem**. São Paulo: Moderna; Campinas: Unicamp, 2000.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Reviravolta linguístico pragmática da filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1997.

PEREIRA, V. Sobre a tese “ser que pode ser compreendido é linguagem”: hermenêutica como teoria filosófica. **Cadernos de filosofia alemã: crítica e modernidade**, v. 20, n. 2, 11 dez. 2015, p. 157-178.

PLATÃO. **O sofista**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2011.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

_____. **Interfaces da hermenêutica**. Caxias do Sul: Educs, 2008.

SAMARADINI, Isadora. O ser-no-mundo e suas possibilidades existenciais num contexto atual. **Anais do congresso de fenomenologia da região centro-oeste**. 2011, p. 290-293.

SILVA, M. L. Portocarrero F. **Conceitos fundamentais de hermenêutica filosófica**. Coimbra, 2010.

_____. **O Preconceito em H.-G.Gadamer: sentido de uma reabilitação**. Covilhão: LusoSofia press, 2010.

SCHIMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

José Victor Guimarães Assis

<http://lattes.cnpq.br/3217684101799101>